

Jorge Amado, 1912-2012: notícias da guerra

Márcio Henrique Muraca*

Resumo

O presente texto visa a reflexão sobre os escritos de Jorge Amado além do que comumente se tem apontado na obra do autor: romances de cunho ideológico até o final da década de 1950 e romances populares a partir de então. O que muitas vezes passa despercebido para a crítica é o fato de que Amado foi um autor que se aventurou por outros gêneros textuais, como as crônicas sobre os desdobramentos da Segunda Guerra Mundial, escritas entre 1942-45, no jornal baiano *O Imparcial* – reunidas e publicadas apenas em 2008. Entre as diversas temáticas acerca da Guerra explicitadas por Jorge Amado, este texto aborda a perseguição aos judeus como resultado das ideologias totalitárias da época, inclusive no governo Vargas.

Palavras-chave: Antissemitismo, Crônica, Ideologia.

Abstract

This paper aims to reflect on Jorge Amado's writings beyond what is commonly pointed out in his works: ideological novels until the late 1950's and popular novels after then. What often goes unnoticed by the critics is the fact that Jorge Amado was an author who wrote other text genres, such as newspaper articles on the ramifications of the Second World War, published between 1942-45 in the newspaper *O Imparcial* – a selection of these articles was published as a book in 2008. Among the range of themes linked to Second World War commented by Amado, this text discusses the persecution of Jews as a result of the totalitarian ideologies at the time, including in the Vargas government.

Key words: Antisemitism, Newspaper Articles, Ideology.



* MÁRCIO HENRIQUE MURACA é mestrando em Teoria Literária na Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Interessa-me somente por aquilo que toca o povo (Jorge Amado)¹.

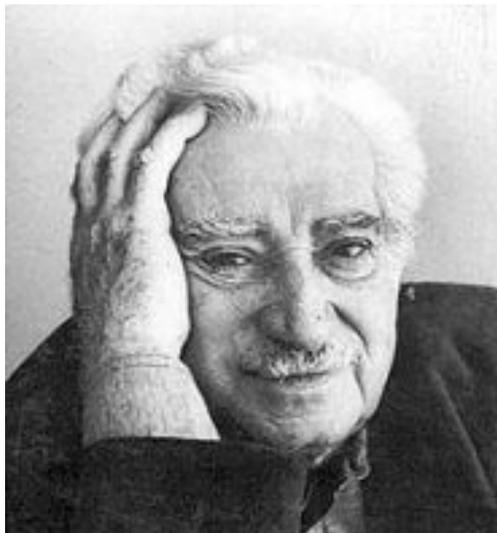
1. Jorge Amado: além da sensualidade

2012 é o centenário de Jorge Amado, nascido em Ferradas, distrito de Itabuna, no estado da Bahia, no dia 10 de agosto de 1912, e falecido em Salvador, em 6 de agosto de 2001, poucos dias antes de completar 89 anos. Mais do que o autor de *best-sellers*, famoso no mundo e no próprio país pelo retrato cheio de cor e apimentado de suas obras, nas quais desfilam *Gabriela*, *Cravo e Canela*, *Tieta do Agreste* e a *Dona Flor e seus Dois Maridos*, Jorge Amado foi sempre um escritor notadamente engajado, ainda que o tom de sua expressão literária tenha se alterado no final dos anos 50, após seu afastamento da militância política sob a vertente stalinista.

Foi sobretudo nos anos 30 e 40, período áureo do totalitarismo (aqui se leem, também, perseguições e preconceitos), que a voz de Amado clamou a arte como instrumento de resistência às injustiças e à opressão nas relações políticas, econômicas e ideológicas. Sua visão – que hoje pode soar utópica e meramente atrelada à ideologia de esquerda – cobrava com veemência, inclusive, a posição de outros artistas no momento de maior convulsão do século XX, a Segunda Guerra Mundial.

Posicionamento, portanto, foi o modo de ação contra as mazelas de tal período

¹ Entrevista concedida à jornalista francesa Alice Raillard, entre novembro e dezembro de 1985, publicada em livro sob o título **Conversando com Jorge Amado** (1990, p.270).



desse baiano nascido e crescido na zona cacauera no sul da Bahia, lugar este onde presenciou a violência e os desmandos de coronéis durante a expansão do cultivo de cacau. Ainda muito jovem, Amado já retratava tais condições em obras como *Cacau* (1933) e *Terras do Sem-Fim* (1943)².

Esse posicionamento³ ligou-se, intimamente, com a posição ideológica assumida por Amado que, desde 1932, era filiado ao Partido Comunista Brasileiro. Cabe lembrar que, por mais de uma década, sua militância acabou resultando em perseguições, seu auto-exílio na Argentina e mesmo em prisão política (1936 e 1937). A partir de 1958, quando tempos menos obscuros se anunciaram, seu modo de expressão literária passou a se articular com um universo mais popular, romanesco⁴, a representação de um Brasil, que passa

² Sobre o assunto, veja-se o estudo de Antonio Pereira de Sousa, **Tensões do Tempo – A Saga do Cacau na Ficção de Jorge Amado** (2001).

³ Já na década de 30, Jorge Amado segue a explosão ideológica comunista que varre o mundo e provoca artistas a se posicionarem em relação ao capitalismo industrial e à opressão no campo. “Em todo o mundo, a radicalização político-ideológica impregna a atividade cultural. Walter Benjamin observa com propriedade que tal situação obriga o escritor a ‘decidir a serviço de quem ele quer colocar a sua atividade’.” DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado: Romance em Tempo de Utopia**. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 28.

⁴ Sobre o romanesco, cujos elementos centrais são a realidade e a fantasia, é matéria de reflexão na obra acima citada, de Eduardo Assis Duarte. O capítulo “A Aprendizagem Romanesca” trata dos primeiros romances de Amado (*O País do Carnaval*, *Cacau* e *Suor*).

pela Bahia, como mestiço e de forte estratificação social.

Se essa fase de sucesso comercial permitiu que Jorge Amado vivesse da literatura, trouxe-lhe, também, preconceito da crítica. Isso se justifica, talvez, por uma visão de que suas obras mais populares evocariam um modelo de nacionalidade reducionista ou simplista, eivadas de sensualidade e um colorido *turístico*.

Em apresentação do livro de Ilana Seltzer Goldstein, **O Brasil Best-Seller de Jorge Amado: Literatura e Identidade Nacional**⁵ (2000), Lilia Moritz Schwarcz menciona “o preconceito acadêmico que sempre pairou sobre esse literato”, concluindo que “o sucesso de vendas não significou uma aceitação por parte da crítica literária nacional, que preferiu desconhecer esse fenômeno chamado ‘Jorge Amado’.” (SCHWARCZ, 2000, p.13).

Outro autor que dispara contra tal rejeição por parte da crítica da obra de Amado é Paulo Bezerra. No prefácio à obra de Eduardo de Assis Duarte, **Jorge Amado: Romance em Tempo de Utopia**, suas primeiras palavras são diretas:

Entre os absurdos que a universidade brasileira comete, há um que certamente chega ao paroxismo: a ausência de estudos

sistemáticos e abrangentes sobre a obra de Jorge Amado, o nosso escritor mais lido dentro e fora do país. (BEZERRA, 1996, p.11)

Na sequência, Bezerra aponta como um dos fatores para essa lacuna a falácia de que a obra de Jorge Amado seria de “baixa qualidade estética, o que a tornaria desmerecida de integrar o Olimpo das obras pesquisáveis” (BEZERRA, 1996, p.11).

No entanto, após a morte do autor, em 2001, a crítica parece ter apontado uma redefinição de seu olhar sobre a obra amadiana, como atesta Ilana Seltzer Goldstein:

O falecimento do autor deu espaço para uma interpretação mais generosa e abrangente de seu legado, que – com raras exceções – nunca havia sido admitida e explicitada até então. Em agosto de 2001, as declarações na imprensa passaram a fazer alusão ao papel essencial de Jorge Amado como “inventor da auto-imagem nacional” e “desenhista do país”. (GOLDSTEIN, 2008, p.24)

Ainda assim, atualmente, parece haver poucos trabalhos que se aprofundem na obra de Amado que não passem pelas questões de mestiçagem, identidade nacional, ideologia comunista como projeto político e literário ou pela vertente de uma obra mercadológica.

Se a identidade nacional⁶ (ligada ao conceito de mestiçagem como liberdade e cultura popular) perpassa a obra de Jorge Amado, é pelo seu viés que encontramos um autor que foi além do personagem típico que ele próprio

⁵ A mestiçagem seria a grande temática da obra de Jorge Amado, segundo os estudos de Goldstein. Luiz Gustavo Freitas Rossi destaca que Goldstein “revela como a festa, a malandragem, o sincretismo religioso e a mestiçagem foram fartamente utilizados para compor em seu universo ficcional uma identidade à nação brasileira (...), a autora atribui à mestiçagem o eixo catalisador das ideias de Jorge Amado.” ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. **As Cores da Revolução: A Literatura de Jorge Amado nos Anos 30**. São Paulo: Annablume, 2009, p.19.

⁶ Ilana Seltzer Goldstein publicou o seguinte estudo sobre o assunto: “Uma Leitura Antropológica de Jorge Amado: Dinâmicas e Representações da Identidade Nacional”. In: **Diálogos Latinoamericanos**. número 5. Aarhus: Universidad de Aarhus, 2002. p.109-133.

(re)criou e, depois, se transformou (GOLDSTEIN, 2002). Poucos sabem, nesse sentido, que Jorge Amado foi escritor de crônicas no período da Grande Guerra ou que escreveu poesia nos anos 30. Assim, parece-nos que quase nada (ou talvez nada) tem a crítica se lançado sobre esse Jorge Amado, não só autor de romances.

Nos diversos estudos sobre a obra amadiana, o que prevaleceu foi a compartimentação de sua obra em fases (proletária, cacau, crônica de costumes, por exemplo) ou dicotomias do tipo “*modernismo e regionalismo*, arcabouço explicativo de suas opções estéticas e temáticas, sacrificando muitas vezes a historicidade dos romances em detrimento de filiações...” (ROSSI, 2009, p. 29, grifo do autor).

No ano de 2012, celebra-se o centenário de nascimento de Jorge Amado. Muitos textos, sobretudo artigos de revistas e colaborações em geral, permanecem inéditos ou esquecidos, segundo o que se nota nos registros da Fundação Casa de Jorge Amado. O autor baiano muito escreveu em sua trajetória, profissão que se via destinado a seguir: “[...] eu não queria ser outra coisa, nada mais me interessava.” (RAILLARD, 1990, p.117). As crônicas de Amado escritas nos anos 40 revelam um pouco o autor multifacetado que foi, um autor que não apenas se dedicou a romances.

2. Jorge Amado: um cronista da guerra, o antissemitismo

As crônicas que Jorge Amado escreveu para o jornal baiano *O Imparcial*, entre 1942 e 1944 foram reunidas em livro em 2008 pela editora Companhia das Letras, organizadas e selecionadas por Myriam Fraga e Ilana Seltzer Goldstein. O título do livro, **Hora da Guerra**, é homônimo da coluna que Amado contribuiu naqueles anos candentes. As 103

crônicas selecionadas mostram um Jorge Amado contundente, militante, e, na análise de Boris Fausto⁷ (que escreve o prefácio do livro), muitas vezes maniqueísta, de tom apaixonado e simplificador. Tudo isso justificável, no entanto, pelo calor daquele momento crucial da história e pelo sonho socialista, o qual Amado, naqueles anos, vivia e louvava. Motivações ideológicas à parte, hoje quase pueris, Jorge Amado clamou artistas e toda sociedade a um posicionamento em suas crônicas, nas quais se leem, por exemplo, “pontuais denúncias de maus tratos e torturas da Gestapo sobre o povo judeu.” (PEREIRA, 2010, p.80). Ele aponta:

Não é preciso repetir que o nazismo, acima de tudo, odeia a inteligência e a cultura. (...) Por que então os escritores todos, todos os artistas, os sábios e os poetas, não se atiram à luta real e decidida contra a ameaça da escravidão nazista que pesa sobre o mundo e sobre o Brasil? Por que alguns se deixam ficar, cômoda e criminosamente, perdidos em sonetos e em poemas, em inoportunas discussões de ordem estética? (AMADO, 2008, p.32)

Ainda sobre as crônicas, com certa insistência, lembramos o material inédito

⁷ A análise de Boris Fausto no prefácio de **Hora da Guerra** é de extrema importância para o entendimento deste assunto. Sua visão lúcida sobre as motivações de Jorge Amado (ideologia comunista, unidade nacional, etc.) serve como guia para reflexões sobre as crônicas. No parágrafo final do prefácio, ao justificar a mudança no posicionamento de Jorge Amado durante a vida, Fausto vai ao encontro das noções de pluralidade e descontinuidade que defendemos aqui: “...num mundo e num país complexos como esses em que vivemos, manter as mesmas opiniões ao longo de toda vida quase sempre é índice de dogmatismo, e não de coerência.” FAUSTO, Boris. “Olhares Cruzados”. In: FRAGA, Myriam; GOLDSTEIN, Ilana Seltzer (Org.). *Hora da Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 23).

de estudo que elas representam, e a provável existência de outros escritos acerca dos temas da Guerra (política-preconceito-perseguição), os quais levantam possibilidades ímpares de estudo da memória nacional e de um drama na história humana. Além disso, **Hora da Guerra** recupera uma diversidade de acontecimentos do período – lançamento, por exemplo, do livro *Fogo Morto*, de José Lins do Rego, o qual o cronista aproveita para criticar duramente Otto Maria Carpeaux (autor do prefácio do livro): “gênio fabricado pela ingenuidade provinciana de alguns críticos e subliteratos do Rio...” (AMADO, 2008, p.201). A coluna abarcou de exposições, como a de Lasar Segall, na crônica de 19/7/44, “Um Quadro de Segall”, a polêmicas, como a do médium Chico Xavier, na crônica “Literatura e Espiritismo”, de 19/8/44. O próprio Jorge Amado anuncia o seu *São Jorge dos Ilhéus*, na crônica “Aniversário da Hora da Guerra”, em 23/12/43: “Sou por vocação um romancista e agora venho de terminar de escrever mais um romance.” (AMADO, 2008, p.27).

Em meio a tais acontecimentos culturais, Jorge Amado faz denúncias do que ocorre no mundo e no Brasil. Sua voz se levanta em várias crônicas contra as mazelas dos governos totalitários que se espalhavam pelo mundo, como Mussolini, na Itália (“A Campanha da Sicília”, de 15/7/43), Ramírez e Perón, na Argentina (“Golpe Branco na Argentina?”, de 18/2/44) e mesmo contra ações desastrosas como a do governo Vargas, que não permitiu que um navio desembarcasse no país centenas de judeus refugiados, cujo resultado foi o sofrimento de famílias inteiras em razão da penúria que se encontravam (“Refugiados Políticos”, de 12/3/43).

Portanto, uma outra temática que Amado toca em *Hora da Guerra* é a do destino de milhares de judeus no período da Segunda Guerra, os horrores da Shoá ou Holocausto⁸ a que esse povo foi sujeitado, sem nos esquecermos de outros perseguidos. O olhar de Jorge Amado sobre o antissemitismo e a condição dos judeus no período possibilitam a reflexão sobre temas que, ainda na contemporaneidade, cercam o humano, como racismo, totalitarismo⁹, fundamentalismo e etnocentrismo. Tão atuais que, em 2010, o mundo assistiu à expulsão de ciganos romenos e búlgaros da França pelo governo Sarkozy, sem mencionar o constrangimento por que passam muçulmanos na Europa, os quais em muitos países, são proibidos de usar símbolos religiosos.

Mais especificamente, no contexto nacional, “o judeu” em terras tropicais¹⁰,

⁸ “Shoá, muitas vezes, é traduzido imprecisamente como Holocausto. Cabe aqui uma distinção, apesar de ambas as palavras serem empregadas para explicar um mesmo fenômeno. *Shoah*, palavra hebraica que significa destruição, ruína, calamidade (cf. Isaías, 10:3), é utilizada em Israel para designar o extermínio dos judeus na Europa nazista. *Holocausto*, do grego *holókauston*, significa sacrifício em que a vítima era queimada inteira. Entre os antigos hebreus possui o mesmo significado.” CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Holocausto – Crime contra a Humanidade**. São Paulo: Ática, 2000. p.5.

⁹ Obra clássica, essencial, sobre o assunto que nos guiará neste estudo: ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 562 p.

¹⁰ A **Revista de História da Biblioteca Nacional**, número 58, ano V, julho de 2010, tem como matéria de capa um dossiê intitulado “Judeus no Brasil – Terra Prometida nos Trópicos”. Os artigos cobrem desde os primeiros cristãos-novos que aqui chegaram (artigo de Angelo Adriano Faria de Assis, “A Torá na Terra de Santa Cruz”), passando pela comunidade no Recife (Leonardo Dantas Silva, “A Comunidade do Arrecife”), a abertura de 1810 (Keila Grinberg, “Culto Tolerado”), o contexto no governo Vargas (Fábio Koifman,

esses “eternos caminhantes”, é uma fonte de estudos que propicia reflexões sobre sua condição no contexto nacional, sobretudo no governo Vargas. Uma importante obra sobre tal questão é o livro de Maria Luiza Tucci Carneiro, **O Antissemitismo na Era Vargas**. Fartamente documentado, a obra é fundamental na compreensão do termo judeu no período, não só a visão e ação oficial como o preconceito que se disseminou na sociedade, estendido a outros grupos. Em recente artigo, Carneiro atualiza a relevância do estudo e entendimento sobre as questões aqui pretendidas:

Apesar dos movimentos sociais comprometidos com a luta contra a negação do Holocausto e o combate da intolerância, multiplicam-se pelo mundo – incluindo aqui no Brasil – os grupos neonazistas, os sites de exaltação ao nazismo, os atos de xenofobia e intolerância religiosa, racial ou étnica. (CARNEIRO, 2010, p.2)

Nesse sentido é que, muito além de um esclarecimento historicista sobre a verdade da Shoá, portanto, cronológico, concebido sob causa e efeito, deve existir a metáfora-trauma daquilo que não deve ser repetido, reeditado, reproduzido. Os limites da barbárie, as consequências de regimes totalitários, as ideias racistas certamente são temas que emergem quando dos estudos sistemáticos sobre o genocídio, a execução de povos e grupos, o antissemitismo (CARNEIRO, 2010, p.3). Por essa mesma via que Berta Waldmann nos introduz a literatura como modo singular de oferecer uma

“Pelas Gerações Futuras”), o sionismo e a criação do Estado de Israel (André Castanheira Gattaz, “Um Estado Dividido”), além de vários quadros cronológicos sobre a questão e uma entrevista com o jornalista Alberto Dines, de ascendência judaica.

narrativa que a história provavelmente não tem meios de enredar diante de fragmentos, estilhaços de verdade, memórias de dor, silêncio dos massacrados:

...há aqueles que argumentam (entre eles eu me incluo) que se a **vivência** da barbárie do século XX coube a alguns milhões de seres humanos, a **experiência** do extermínio é de todos nós. E só a literatura poderia desafiar a intraduzibilidade do Holocausto, transmitindo-a de maneira mais cabal. [grifos da autora] (WALDMANN, 2010, p.88)

Assim, impossível se torna qualquer comentário sobre o Holocausto sem recorrer às noções de **poder, memória e identidade**¹¹. Mais ainda, se se pretende tomar a literatura como viés de um momento que transcende fatos e acontecimentos, mito e ficção, para simbolizar a barbárie humana, justificada muitas vezes pelo racismo, usado por dominador, imperialista e totalitário como “instrumento de domínio” e “ideia política”. (ARENDRT, 2007, p.225).

¹¹ A noção de identidade, sob um certo viés, evoca raça, nacionalidade, pertencimento, cultura, comunidade. A memória individual relaciona-se com a coletiva por meio de todas essas noções. A pergunta “quem é você?”, imediatamente, contrapõe-se à “quem é o outro?”. Relações e forças de poder se estabelecem muito de tais conceitos. Identidade (quem sou eu?) e memória (o que se passou?) tornam-se problema quando se pretende *uma* verdade histórica, precisa. A ficção, por sua vez, tem força única para transformar esse “problema” em conflito narrativo, sem deformar fatos ou acontecimentos a ponto de total inverossimilhança. Sobre **identidade**, especificamente, nosso guia é Zygmunt Bauman, cujo livro **Identidade** é imprescindível. Sobre **poder**, vejam-se os estudos de Michel Foucault, tais como as obras **Vigiar e Punir** e **Microfísica do Poder**.

Primo Levi¹², um dos poucos sobreviventes de *Auschwitz*¹³, no seu **Os Afogados e Os Sobreviventes**, logo no primeiro capítulo, “A Memória da Ofensa”, traça os caminhos eivados de brumas da memória traumatizada, da lembrança que deseja ser cancelada “para não renovar a dor” (LEVI, 1990, p.10). E não é apenas a recordação de quem sofreu a humilhação, mas também a de quem humilhou, torturou e exterminou. Tal memória ora se inflama ora se apaga, deforma.

Os lugares de memória, da mesma forma, podem ser aniquilados em um regime de exclusão. O livro, como memória cultural – sob diversos suportes – tem sido destruído na história da humanidade. A queima de livros em Berlim, em 1933, é exemplo preciso de “memoricídio”¹⁴ de uma cultura. Na crônica de 4/4/1944, Jorge Amado escreve sobre o tema, motivado pelas:

... fogueiras de livros que o fascismo argentino levanta nas ruas de Buenos Aires. O *Times* de Londres ressaltava, no telegrama sobre o assunto, a identidade de métodos entre Perón e Goebbels. Para o argentino, como para o alemão, a cultura significa o inimigo. Livros

devem ser queimados, escritores devem ser encarcerados, torturados, fuzilados. (AMADO, 2008, p.204).¹⁵

Com estilo direto, candente, Amado marca os vários temas que afloram em um período definidor da história da humanidade. Da queima de livros como extermínio de um povo à alma aniquilada de indivíduos que perderam o “que até o mendigo mais humilde possui: um lenço, uma velha carta, a fotografia de um ser amado... um ser vazio... esquecido de dignidade e discernimento”. (LEVI, 1998, p.25). Jorge Amado, em crônica de **Hora da Guerra**, de 31/12/1942, intitulada “A Poesia também é uma Arma”, lembra aquele:

...velho de mais de oitenta anos, Sigmund Freud, que havia reformado a psicologia moderna, foi salvo do muro de fuzilamentos pela democracia inglesa. Mas o abalo moral e os insultos sofridos mataram Freud quase em seguida. Sem pátria, ele não resistiu. (AMADO, 2008, p.31).

Sem vocábulos melindrosos, ele pontua as expulsões de gênios, “entre gargalhadas bestiais” dos “monstros da Gestapo”: Thomas Mann (por “ser filho de mãe brasileira e não ter, por consequência, um puro sangue ariano”), Einstein (que “ia à frente dos fugitivos da inteligência e da cultura”), Ludwig e Zweig (“que depois iria se matar”).

O prefácio de **Hora da Guerra** de Boris Fausto é esclarecedor no que diz respeito ao Jorge Amado dos anos 40. Seu engajamento como escritor, representante dos ideais do sonho comunista, seu maniqueísmo (mal

¹² A obra contundente de Primo Levi é capital quando se trata de Holocausto. É **Isto um Homem?** e **Os Afogados e Os Sobreviventes** são dois de seus livros que, aqui, destacamos.

¹³ Obra fundamental que discute a questão do relato de sobreviventes do maior campo de concentração nazista é **O que resta de Auschwitz**, de Agamben. O problema que o autor lança é exatamente a dificuldade de testemunhar sobre um momento de total redução da condição humana, em que impera o vazio e o silêncio, “a vida nua”. Auschwitz é o grande lugar-metáfora da barbárie humana. Veja-se: AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz**. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008. 168 p.

¹⁴ Termo do ensaísta venezuelano Fernando Báez, autor do livro **História Universal da Destruição dos Livros**.

¹⁵ Joseph Goebbels, ministro da Propaganda nazista e mentor da destruição dos livros em 1933, ironicamente, foi estudante de filologia na Universidade de Heidelberg.

supremo x bem supremo), o louvor a Stálin, à unidade nacional e mundial sem divergências, sua ambiguidade ao governo Vargas, tudo isso caracteriza um posicionamento de quem está no olho do furacão. Distanciados, hoje, podemos olhar para esse Jorge Amado e companheiros de luta não como incoerentes. De outro modo, podemos refletir sobre a contemporaneidade por meio de escritos de uma época-metáfora da história não só de um povo, mas de toda raça humana.

Como escrevem as organizadoras Myriam Fraga e Ilana Seltzer Goldstein na apresentação do livro, as crônicas de Amado deixaram um precioso conjunto de centenas de textos de valor histórico. São memórias de um período que exalam “o calor da hora”, revelando as facetas do autor e uma miríade de acontecimentos da época.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz**. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

AMADO, Jorge. **Hora da Guerra**. FRAGA, Myriam; GOLDSTEIN, Ilana Seltzer (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ASSIS, Angelo Adriano Faria. Dossiê Judeus. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional, ano 5, n. 58, p.16-37, 2010.

BÁEZ, Fernando. **História Universal da Destruição dos Livros**. Trad. Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Holocausto – Crime contra a Humanidade**. São Paulo: Ática, 2000.

_____. Nazismo e Antissemitismo, Teorias e Práticas da Exclusão. **História e Memória do Holocausto**. São Paulo: XV Jornada Interdisciplinar sobre o ensino da História do Holocausto, p.2-16, 2010.

_____. **O Antissemitismo na Era Vargas – Fantasmas de uma Geração (1930-1945)**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado: Romance em Tempo de Utopia**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

FAUSTO, Boris. Olhares Cruzados. In: FRAGA, Myriam; GOLDSTEIN, Ilana Seltzer (Org.). **Hora da Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, p.13-23, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **Vigiar e Punir**. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1977.

GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. **O Brasil Best-Seller de Jorge Amado: Literatura e Identidade Nacional**. São Paulo: Senac, 2003.

LEVI, Primo. **É Isto um Homem?** Trad. Luigi Del Rel. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

_____. **Os Afogados e Os Sobreviventes**. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

PEREIRA, Kenia Maria de Almeida. Jorge Amado e os Sons da Polônia: Considerações sobre o Poema A Canção da Judia de Varsóvia. **História e Memória do Holocausto**. São Paulo: XV Jornada Interdisciplinar sobre o ensino da História do Holocausto, p.79-84, 2010.

RAILLARD, Alice. **Conversando com Jorge Amado**. Rio de Janeiro: Record, 1990.

ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. **As Cores da Revolução: A Literatura de Jorge Amado nos Anos 30**. São Paulo: Fapesp/Unicamp/Annablume, 2009.

SOUSA, Antonio Pereira. **Tensões do Tempo – A Saga do Cacau na Ficção de Jorge Amado**. Ilhéus: Editus, 2001.

WALDMANN, Berta. O Holocausto na Literatura Brasileira: Uma Anatomia da Memória. **História e Memória do Holocausto**. São Paulo: XV Jornada Interdisciplinar sobre o ensino da História do Holocausto, p.85-101, 2010.